

MARCAS D'ÁGUA: TERRITÓRIO FEMININO, SUAS BRUXARIAS E ENCANTARIAS

Por Felipe de Menezes¹

Na noite de hoje, dia 7 de setembro de 2023, no CET, durante o 37º Festivale, nos reunimos para assistir ao *Marcas d'água*, espetáculo cênico, autoproclamado como sendo uma “narrativa poética”, construída pela Tropa do Vale – grupo joseense de longa data. Meire Pedroso e Guia compõe as corpas femininas em cena, em diálogo com Angela Tuty na direção, além de Gabi Celane (iluminação), Natacha Maurer (projeção e técnica) e Tainan Moreno (trilha sonora). Esse coro de mulheres foram as responsáveis por resgatar um dos fundamentos filosóficos do teatro ao tratar da experiência entre quem atua e quem assiste: que é a ideia de festa, guerra e rito como características fundantes da ideia de teatro.

Por cerca de uma hora fomos convidados a adentrar num complexo jogo de relações de signos para tratar do feminino em suas mais sutis contradições. Um exemplo disso que eu chamo de “complexo jogo de relações de signos” é em um momento em que Meire Pedroso utiliza de um objeto cênico, um batom, para exorcizar uma relação hetero-tóxica e, o mesmo batom, é utilizado para pintar seus lindos lábios e sacro-profanar sua existência de ser mulher(es). Sim, no plural, porque a dramaturgia enquanto tecimento, costura ações ficcionadas com narrativas pessoais. Essa mistura eleva o que seria uma simples angústia metafísica à condição de coletividade, epicizando, assim, a cena. E, a partir daí, Meire e Guia, nadam de braçada com seus ritos em forma de oração. A textura de toda a performance é aquosa, não no sentido negativo da expressão, mas pelo simples e poderoso fato de ser água a maior parte

¹ *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

de nossa constituição, como humanos, desde a fecundação até a expulsão do útero daquela que nos gerou.

O espetáculo é polifônico e polissêmico, como deve ser toda boa obra arte. A dramaturgia é constituída por diversos textos, com diferentes autorias e cingido com improvisos e número de plateia, narrativas em vídeo, danças, rezas, histórias, cantorias e homenagens a importantes mulheres. Trata-se de um poderoso material cênico que dialoga com o seu tempo trazendo temas da máxima urgência.

Meire Pedroso, em cena, é uma rara oportunidade que temos, como público, de estar diante de uma artista poderosa, terra chã. Uma potência em forma de mulher que é alimento porque é seiva. Como sua ancestralidade remonta a rainhas e congados, é preciso nossa máxima atenção quando Meire toca, canta, dança ou atua: com ela vem uma legião de belezas das mais importantes que já habitaram sobre essa terra. Sua escola é a rua e, mesmo que dentro de uma caixa preta, continua mantendo sua relação com seu público: muita proximidade e excelência na conexão. Meire é uma mulher artista, atuante, atriz de teatro, performer, brincante, contadora de histórias. Meire é rio, chuva, mar adentro. Raiz e ventania. Guia, com voz de tom ancestral, imprime beleza em potência máxima quando aparece e canta em cena. E, para cada chorocanto, uma oração vem junto – como querendo incensar todo terreiro-palco. Sua corpa, seu corpo transmutante é, também, cavalo de transfiguração para o cortejo e desfile de orixalidades. Guia tem uma capacidade muito peculiar em cena de atrair a atenção dos espectadores durante toda sua performance. Nesse dia, em especial, Guia está enlutada com a perda recentíssima da presença física de sua mãe e, justamente por esse motivo, quis fazer o espetáculo. E, dele, uma homenagem a sua querida e honrosa mãe.

Como nos foi dito durante o bate papo após a apresentação do espetáculo, o trabalho tem como característica ser móvel, pluri-autoral e em construção permanente. Sendo assim, vida longa ao *Marcas d'água*.